

**Religião, família e gênero****Silvia Geruza Fernandes Rodrigues<sup>1</sup>****Introdução**

Religião e homossexualidade compõem um tema complexo. Quando envolve família, religião e homossexualidade a questão se aprofunda em tensões, conflitos e ambiguidades.

O objetivo deste trabalho é debater sobre o papel da religião cristã na aceitação da homossexualidade dos filhos e das filhas dentro do seio familiar no Brasil.

O Brasil tem sido considerado ao longo dos anos como um dos países mais machistas da América Latina. Concomitantemente, tem sido apontado como o país com o maior número de assassinatos a homossexuais, travestis e transgêneros no mundo. Segundo estatísticas, o ano de 2016 foi o mais violento, desde 1970. Em 2016 ocorreram 343 assassinatos de pessoas homossexuais no Brasil, pelo fato de serem homossexuais.<sup>2</sup> A cada 25 horas um LGBTTTQI é morto no Brasil.

Observamos que à medida que os movimentos ativistas LGBTTTQI acontecem e os homossexuais se tornam mais visíveis, as igrejas cristãs, principalmente, podem tomar a postura de se abrir ao diálogo ou de reafirmarem sua posição doutrinária sobre a homossexualidade, que afirma sua doutrina de acordo com leituras literalistas das Escrituras (cf. Gn.19:1-11; Lev.18,22;20:13; I Cor. 6:9; Rm.1:18-32; I Tm.1,10) e a Tradição. Segundo os religiosos fundamentalistas, a homossexualidade se constitui “perversão” e um “grave crime contra a castidade” para a Igreja Católica Romana, a Igreja Episcopal Anglicana (em vários países) e igrejas tradicionais históricas da Reforma Protestante. A Igreja Católica em muitos dos seus documentos oficiais, declara que a homossexualidade apresenta um “comportamento desviante”.

Apesar do ativismo e da luta contra a homofobia, o Brasil, como um país com a maioria dos seus habitantes<sup>3</sup> confessando as duas religiões que continuam

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciência da Religião PUCSP; Mestra em Ciência da Religião UESP; Especialista em Terapia Sistêmica Familiar e de Casal PUCSP; Especialista em Sexualidade Humana na FMUSP.

<sup>2</sup> Quando nos referirmos a homossexuais, incluiremos gays e lésbicas no termo.

<sup>3</sup> No Brasil, segundo as últimas estatísticas de 2010 do IBGE 72,2% se professam católicos e 22% evangélicos. <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-10-anos-aponta-ibge.html>> Acessado em 28/06/2017.

reafirmando que a homossexualidade é patológica e apresenta um “comportamento desviante”, consta que até o ano 2016 somente 42 % dos brasileiros são a favor da união entre homossexuais. Se em 2011 tivemos a votação da aprovação dos direitos civis aos homossexuais, e em 2013 a união entre homossexuais foi legalizada, hoje a Bancada Evangélica tenta retirar os direitos constituídos em 2011 e impedir com leis que se ensine sobre a diversidade religiosa nas escolas.

Os estudos de gênero existem há mais ou menos 80 anos, porque iniciaram na segunda metade do século XX, após a Segunda Guerra Mundial. Eles, na realidade, não incluíam a questão da sexualidade, e sim a desigualdade entre homens e mulheres na sociedade e a luta para que elas participassem do mercado de trabalho e deixassem de ser consideradas inferiores aos homens. Com o passar do tempo, outras opressões foram incluídas: negros, índios, pessoas do movimento LGBTTQI, pobres, e pessoas alvo de preconceitos e violência (ROSADO-NUNES, 2015).

Movimentos fundamentalistas, tanto religiosos como políticos, adotaram a expressão “ideologia de gênero” declarando que algumas leis do Plano Nacional de Educação surgiram para destruir as famílias brasileiras, distorcendo o sentido das leis da PNE sustentando que os ensinamentos sobre gênero despessoalizariam e confundiriam as crianças. Porém, o objetivo principal seria uma educação que valorizasse a ética e o respeito ao outro, independente do seu gênero ou orientação sexual, para evitar o preconceito e o “bullying”.

Com passeatas, vídeos e textos nas redes sociais, a homossexualidade, e as questões de gênero relacionadas com a sexualidade acirraram o preconceito. As famílias encetaram uma luta, principalmente contra a homossexualidade.

Revisitando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) observamos que dentre as dez competências a serem desenvolvidas pelo currículo, a nona competência *Empatia e Cooperação* deve capacitar o aluno (a aluna) a “fazer-se respeitar e promover o respeito ao outro, acolher e valorizar a diversidade sem preconceitos, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual se comprometer”. Contudo, notamos que as propostas foram modificadas. O artigo 16 propunha:

Art. 16 Os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular em seus conteúdos, a partir das possibilidades abertas pelos seus referenciais, a

abordagem de temas abrangentes e contemporâneos que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual. Temas como saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social, assim como os direitos das crianças e adolescentes, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90), preservação do meio ambiente, nos termos da política nacional de educação ambiental (Lei nº 9.795/99), educação para o consumo, educação fiscal, trabalho, ciência e tecnologia, e diversidade cultural devem permear o desenvolvimento dos conteúdos da base nacional comum e da parte diversificada do currículo.

As palavras sexualidade e gênero foram retiradas. Na página 19, que falava da competência da empatia e cooperação, lia-se:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, ~~orientação sexual~~, idade, habilidade/necessidade, convicção religiosa ou de qualquer outra natureza, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual deve se comprometer.

Foram retiradas as palavras gênero e orientação sexual. Na página 301, lia-se:

(EF08CI11) Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética) e a necessidade de respeitar, valorizar e acolher a diversidade de indivíduos, sem preconceitos baseados nas diferenças ~~de sexo, de identidade de gênero e de orientação sexual~~.

Foram retiradas as palavras: de sexo, de identidade, e de orientação sexual.

Questionamos em quais bases os políticos se fundaram para remover algumas palavras-chave da proposta do currículo nacional. O suposto medo de desconstrução da família a partir de um currículo que ressalte a diversidade sexual causou grandes comoções e proporcionou a mudança para que a proposta fosse aprovada.

A religião, segundo Valesco (2003), se constitui um “conjunto de sistemas de crenças, de práticas, de símbolos e de estruturas sociais através do qual o homem, de acordo com as diferentes épocas e culturas, vive sua relação específica com um mundo específico: o mundo do sagrado” (VALESCO, 2003, p. 75 apud VALLE, 2007,

p.133). Tanto a religião como a sexualidade se interrelacionam em todas as esferas do ser humano: vida privada, social e na rede de relacionamentos.

Em um país com maioria católica e protestante<sup>4</sup>, ousaríamos afirmar que o discurso sobre sexualidade no universo religioso impacta o comportamento e os conceitos do imaginário popular, mesmo que não sejam praticantes ativos de nenhuma das religiões. Segundo Foucault (1988), nos últimos três séculos, falou-se muito sobre sexo para garantir o povoamento e “proporcionar uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora” (FOUCAULT, 1988, p. 44).

A Igreja, o Estado e a Medicina garantiam o controle do que deveria ser lícito e ilícito. Estabeleceu-se a heteronormatividade, o casamento monogâmico e a obrigatoriedade da procriação. Em um estudo sobre alguns documentos oficiais da Igreja Católica Romana (artigo ainda a ser publicado), encontrei a reafirmação de que somente a partir de 1968, com a carta encíclica *Humanae Vitae*, o amor e a complementaridade afetiva foram acrescentados à obrigatoriedade de procriar no ato conjugal dentro do matrimônio, reafirmado no Compêndio do Catecismo Católico publicado em 2005. A Igreja Católica não achava adequado debater gênero porque mexeria com sua tese mais arraigada do argumento da “natureza”. A submissão da mulher ao homem, a obrigatoriedade de procriar, o mito do instinto maternal são temas que seriam ressignificados na continuação dos questionamentos sobre gênero.

Diante disso, ser homossexual é considerado “anormal”, ter um “comportamento desviante”, “pervertido” e doente, muitas vezes equiparado com pedófilos, assassinos, abusadores sexuais, estupradores. Se confessar à família traz um conflito na mente do homossexual, ouvir a condenação de “Deus” nos discursos cristãos, mais ainda. No livro de Modesto (2015), encontramos inúmeras narrativas e depoimentos de mães de filhos e filhas que assumiram sua homossexualidade para os pais, causando tumulto dentro da família. Muitos adjetivos utilizados para classificar os homossexuais causam estranhamento, porém gostaria de mencionar alguns deles:

Mãe – [...] Essa gente é promíscua, são sem-vergonhas, viciados...Eles estão todos condenados por Deus [...] (GPH<sup>5</sup> – reunião presencial de novembro de 2008).

---

<sup>4</sup> (72 e 22%), temos segundo o IBGE 123.280,17 católicos professos no Brasil e 42.275 de confessos evangélicos.

<sup>5</sup> GPH- Grupo de pais de homossexuais.

[...]Todos os homossexuais são assim, sempre foram e sempre serão (MODESTO, 2015, p. 49).

De acordo com Modesto (2015), a mãe desse filho homossexual generaliza que o homossexual não tem caráter, é promíscuo, usa drogas e em última análise é pecador (MODESTO, 2015, p. 49).

Os relatos de Modesto corroboram com vários casos que atendi no meu consultório: pais e mães de filhos e filhas homossexuais que os consideravam maldição em suas vidas. Algumas mães declararam que preferiam ver os filhos mortos do que serem homossexuais.

As mães religiosas, de modo geral, têm maior dificuldade de aceitação. Costumam iniciar o percurso com muita rejeição e terminá-lo prematuramente, com a conformação, a resignação (MODESTO, 2015, p. 228).

Ao mostrar o relato de uma mãe evangélica, Modesto (2015), observa que a mãe considerava a homossexualidade do filho como um castigo para o filho e uma “provação” para a mãe. Ela acredita que o filho está possuído pelo demônio.

No imaginário popular da maioria dos cristãos, o homossexual é possuído pelo demônio ou é o próprio demônio, necessitando de exorcismo ou de atos penitentes para se “libertar”.

Segundo Endsjo (2014), “durante a maior parte de sua história o cristianismo defendeu a perseguição implacável a homossexuais” (ENDSJO, 2014, p. 230). Contudo, em vez de utilizar métodos como fogueira, força e afogamento do passado, hoje as igrejas se utilizam das mesmas passagens bíblicas para condenar a homossexualidade.

Muito poucas denominações cristãs têm tido a coragem de discutir oficialmente a questão da homossexualidade. Na Igreja Metodista, na Igreja Luterana, na Igreja Episcopal Anglicana e na Igreja Presbiteriana Mundial houve grandes divisões e contendas sobre o assunto. Desde 1978 a Igreja Episcopal Anglicana estuda, analisa, debate a homossexualidade e quer chegar a um consenso de como lidar com os membros homossexuais de suas igrejas. Ela tem se debruçado sobre o assunto há 40 anos e até hoje, ano de 2017, sua liderança não conseguiu chegar a um consenso e apesar de vários concílios e sínodos, os conservadores podem acabar com as Conferências de Lambeth, que acontecem decenalmente na Inglaterra.

A Igreja Episcopal Anglicana, segundo Endsjo (2014), pode ser considerada como um exemplo das rupturas mais profundas no mundo cristão, devido o debate sobre a homossexualidade.

De um lado estão os bispos da Nigéria e de Uganda defendendo a pena de morte e a proibição de homossexuais em restaurantes. Do outro está Gene Robinson, ordenado bispo em New Hampshire (EUA), que é casado com outro homem. Essa cisão é refletida na maioria dos países onde o anglicanismo é difundido (ENDSJO, 2014, p.229).

Nos Estados Unidos e Canadá, embora ainda exista resistência e tenha ocorrido a formação de várias instituições lideradas por bispos anglicanos conservadores, a ordenação de bispos gays e lésbicas e celebração de matrimônio entre pessoas do mesmo sexo já são realizadas. Contudo, em grandes partes da África a oposição se torna ferrenha. Como exemplo podemos citar ataques ainda mais violentos aos homossexuais no Zimbábue, quando em 1995 o presidente Robert Mugabe declarou que os homossexuais “eram inferiores a animais” (ENDSJO, 2014, p.229).

No Brasil, a Igreja Episcopal Anglicana sofreu uma grande ruptura em 2007. Estas contendas dentro das igrejas de tradição histórica, até mesmo na maioria das igrejas protestantes evangélicas, mostram o conflito entre os líderes e obviamente entre seus membros. A família, portanto, encontra-se dividida entre a realidade de ter no seio familiar pessoas homossexuais e sua crença religiosa, que, na sua maioria, condena a homossexualidade.

### **Considerações finais**

A questão da homossexualidade perdura em silêncio na maioria das denominações cristãs, quando muito os documentos expedidos tentam acalmar o clamor dos homossexuais que já não se conformam em caminhar ao longo das igrejas sem se envolverem, porém ou reafirmam sua posição de que a homossexualidade é realmente uma “patologia” e “perversão” que necessita de cura e arrependimento, ou de permanecer em castidade, ou declaram que se encontram dispostos a começar a estudar o assunto também à luz da Ciência, biologia, psicologia, genética, etc. Tanto



na IEA quanto na Igreja Católica, os documentos mais recentes incentivam os homossexuais a procurarem ajuda pastoral, garantindo-lhes respeito e acolhimento.

As igrejas de tradição histórica protestantes temem abordar o assunto por sua complexidade. As poucas denominações que se arriscam a abordá-lo enfrentam divisões e perda de muitos membros, que insistem em se apegar à Tradição e às Escrituras. Enquanto isso as famílias continuam com seus conflitos, muitos pais religiosos rejeitando seus filhos, o número de depressão e suicídio aumentando entre famílias cristãs.

As pessoas homossexuais frequentam as igrejas camufladas para não enfrentarem rejeição, preconceito e intolerância. Em casa, raramente encontram aceitação e acolhimento, onde mais necessitam. Quando as igrejas e denominações despertarem para o fato do mal que causam ao homossexual ao insistir na Tradição e em versículos na Bíblia que carecem de uma nova hermenêutica, crítica e contextualizada, talvez então tenhamos menos famílias disfuncionais, menos perseguição e menos sofrimento.

### **Referências bibliográficas**

ENDSJO, D.O. *Sexo e religião* – Do baile de virgens ao sexo sagrado homossexual. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1- A vontade de saber*. 17ª ed. São Paulo: Graal, 1988.

G1. *Número de evangélicos aumenta 61% em 10 anos, aponta IBGE*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-10-anos-aponta-ibge.html>>. Acessado em 28/06/2017.

MODESTO, E. *Homossexualidade* – Preconceito e intolerância familiar. São Paulo: EDUSP, 2015.

*O Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/p1s2c1\\_198-421\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p1s2c1_198-421_po.html)>. Acessado em 04/06/2017.

RODRIGUES, S. G. F. *Sexo – entre a culpa e o prazer*. São Paulo: Fonte editorial, 2012.

ROSADO-NUNES, M.J.A. “Ideologia de gênero” na discussão do PNE: a intervenção da hierarquia católica. *Revista Horizonte*, PUC Minas, vol. 13, n. 39, jul./set. 2015 - Dossiê: Relações de Gênero e Religião.

USARSKI, F. (Org.). *O espectro disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.



**3º Simpósio Sul da Associação Brasileira de História das Religiões  
Educação, Religião e Respeito às Diversidades  
CCE/UFSC, 20 a 22 de novembro de 2017  
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil**

VALESCO, A. Psicologia de la religion. In: VALLE, E. *A psicologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.